

CAPÍTULO 10

Um olhar sobre as cartas – documentos da pesquisa

Raquel Cardoso Frazão

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c10>

1. INTRODUÇÃO

A construção deste texto é um breve relato sobre o trabalho “A produção de cartas das mulheres do Programa Mulheres Mil” como objeto de pesquisa em História da Educação (*Campus Açailândia – MA, 2012-2013*). A ideia desta proposta de escrita é apresentar as cartas enquanto documentos utilizados na pesquisa durante o período do Curso de Mestrado em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na Linha de Pesquisa Educação, História e Políticas, sob a orientação da professora doutora Luciane Sgarbi S. Grazziotin.

Durante o processo de escrita da pesquisa, precisei adentrar no campo da História da Educação, um verdadeiro desafio para mim, já que não possuo formação em História. Assim, apesar da dificuldade nesse novo campo do conhecimento, fiz um recorte sobre educação e profissionalização femininas, bem como analisei a cultura escrita como uma possibilidade de estudo na História da Educação.

O campo da pesquisa em História da Educação no Brasil tem, nos últimos anos, se alargado com novas possibilidades de pesquisa, com a abrangência de abordagens que dão conta de novos problemas e novos objetos de estudo. Saviani (2013) destaca que a História da Educação se libertou da dependência que se encontrava da filosofia e da teologia, revestindo-se de legitimidade científica, adquirindo reconhecimento junto à comunidade de pesquisadores; as pesquisas acabam por se interessar por questões como cotidiano escolar e representações dos atores escolares.

Antes, porém, quero demarcar a relação da pesquisa com a minha trajetória de vida. Para tanto, retomo meus vínculos familiares e minha formação escolar, acadêmica e atuação profissional, pois uma lembrança remete à outra.

Meus pais são Maria Aparecida Rodrigues Cardoso e Evaristo Rodrigues de Sousa Frazão (*in memoriam*). Da união deles, nasceram quatro mulheres e dois homens, dos seis, apenas um não ingressou em curso superior. Digo isso, porque naquele período, década de 1970, assim como nos dias atuais, o ingresso e permanência na escola, dos filhos da classe trabalhadora, de baixa renda, é marcado por vicissitudes, por isso obter o nível superior torna-se uma excepcionalidade. Todos os filhos estudaram em escola pública e alguns só ingressaram no Ensino Superior em idade tardia, pois tivemos que conciliar trabalho e estudo.

Ingressei no curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA no ano de 2003. Durante a graduação conciliei minhas atividades acadêmicas com as de Técnico-Administrativo num escritório de contabilidade, uma vez que precisava custear meus estudos. Ressalto ainda que minha primeira experiência em sala de aula foi no estágio supervisionado, essa experiência foi significativa, a partir dela e da convivência com alunos foi despertado meu interesse para a elaboração do trabalho de conclusão de curso em que pesquisei sobre a trajetória escolar de alunas que estudavam o Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em uma escola da zona rural do município maranhense de São José de Ribamar¹⁵. A experiência daquelas mulheres de estudar tardiamente, aproximava-me também da minha trajetória¹⁶. Pelo trabalho de pesquisa, percebi suas dificuldades, motivações e perspectivas profissionais, construídas a partir da possibilidade de estudar.

Após a conclusão da referida graduação, ingressei, por meio de concurso público, na Secretaria de Educação do Maranhão (SEEDUC) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), para exercer a função de professora das disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Durante o exercício de trabalho no IFMA, tive a oportunidade de lecionar a disciplina de Língua Portuguesa, duas oficinas

¹⁵ O município encontra-se na extremidade Leste da ilha de São Luís, no Maranhão, tendo em frente a baía de São José e distante 31 quilômetros da capital do estado (CARDOSO, 2001, p. 502), com uma população de 163.045 habitantes em 2010, de acordo com o IBGE (2016a).

¹⁶ Bourdieu (2005, p. 189) explica a trajetória “[...] como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

de Língua Espanhola e uma de Mapa da Vida no Programa Mulheres Mil (PMM), no período de 2012 a 2014.

Essa experiência suscitou algumas inquietações, entre as quais: Qual a contribuição do referido Programa às alunas e como foi a trajetória educacional delas? Assim, a princípio, com esses questionamentos, inscrevi-me para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Desse modo, ao ingressar no Curso de Mestrado, durante o processo de elaboração do projeto as questões foram ampliadas.

Assim, para desenvolver a pesquisa tive como objetivo principal analisar as representações sobre o Programa Mulheres Mil e os percursos de vida das alunas a partir da produção de cartas na disciplina de Língua Portuguesa e oficina Mapa da Vida, lecionadas por mim, no IFMA – *Campus Açailândia*.

Nessa perspectiva, elenquei como objetivos específicos: compreender as representações acerca da infância, maternidade, trabalho e educação, categorias identificadas nas cartas, visto que foram esses os documentos analisados; além disso, busquei identificar os percursos de vida a partir da escrita epistolar; assim como procurar compreender as escritas epistolares como documentos de escrita íntimas; e, por fim, entender as representações construídas pelo coletivo de mulheres/alunas do Programa Mulheres Mil, acerca dessa política pública.

Desse modo, organizei o texto da dissertação em cinco capítulos: no primeiro deles, fiz a apresentação das motivações da pesquisa, do tema, da temporalidade, das fontes e objetivos. No segundo capítulo, discorri sobre o referencial teórico-metodológico, perpassando a revisão dos trabalhos produzidos e divulgados em periódicos; e dissertações que me auxiliaram a situar o objeto de estudo. Depois, abordei alguns pilares de sustentação teórica e metodológica que se encontra nas contribuições da História Cultural e sua relação com a cultura escrita, com o alargamento das fontes e objetos de estudo. Foi a renovação desse campo que me permitiu utilizar as 20 cartas produzidas por mulheres participantes do Programa Mulheres Mil como fontes de pesquisa. Nesse sentido, no segundo capítulo, apresento a produção das cartas na disciplina de Língua Portuguesa e oficina Mapa da Vida. Para construção desse capítulo, apoio-me principalmente em Roger Chartier.

No terceiro capítulo tratei da educação e profissionalização femininas, também sobre o Programa Mulheres Mil, uma política pública que pretendia qualificar mil mulheres das regiões brasileiras Norte e Nordeste, pois se trata de regiões onde as mulheres apresentam a menor escolaridade e maior desqualificação profissional, agravando a situação de desigualdade no país. A emergência do Mulheres Mil ocorreu em 2007, por meio do acordo bilateral entre Brasil e Canadá e em 2011 se constituiu como política pública no governo da presidenta Dilma Rousseff. A implantação do Mulheres Mil em Açailândia iniciou em 2011, momento em que representantes do *campus* estiverem em Brasília participando de cursos de formação.

Cabe destacar que a escolha pelo Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos levou em consideração a necessidade de cada estado que optou pelo Programa. No caso do Rio Grande do Norte, o Instituto Federal ofertou além dos cursos na modalidade Jovens e Adultos, Ensino Fundamental, profissionalização nas áreas de beneficiamento de couro de peixe, processamento de frutas e customização do couro. No terceiro capítulo, utilizei os estudos de Michelle Perrot, Guacira Lopes Louro e os textos produzidos pelo governo acerca do Programa Mulheres Mil.

No quarto capítulo, apresentei as alunas, mulheres, as quais nomeio de escreventes, pois se trata de mulheres que apresentam escritos que se inserem na cultura ordinária da pessoa comum. As análises dos documentos foram realizadas a partir dos questionamentos: Quem são estas mulheres, alunas, escreventes? O que dizem de si mesmas nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre o Programa? Não foram questões simples de responder, aliás, considero que não é possível abarcar a totalidade de respostas possíveis às questões. Ao realizar a leitura das cartas, as categorias mais frequentes foram infância, maternidade, casamento, educação, trabalho e o Programa Mulheres Mil. Desse modo, a partir delas foram construídas as narrativas e em seguida as análises. Cabe ressaltar que o conceito central da análise é o de representação. Chartier (2009) afirma que tal conceito possibilita vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais.

Ao findar o texto dissertativo, no quinto capítulo, reconheço as limitações impostas a quem estuda sua prática, embora a relação entre pesquisadora e objeto de estudo esteja marcada pela interação entre ambos, o que acarreta a mudança na

percepção do objeto de estudo e ampliação do pensamento de quem pesquisa. Esta investigação apresentou também as limitações por ser uma política pública recente, por outro lado, pensei que poderia ampliar o debate do campo das políticas, sobretudo das de gênero. Aliás, as questões de gênero no Programa só foram pensadas a partir das reuniões técnicas promovidas em Brasília com os servidores dos Institutos, pois questionavam como um Programa, que tem como público-alvo mulheres, pode desconsiderar questões relacionadas aos direitos das mulheres, suas trajetórias de vida, dentre outras pautas.

Além disso, a abordagem eleita, que se situa no campo da História da Educação, traz as cartas produzidas por alunas do Programa em um tempo recente. Talvez esse recorte apresente as fragilidades que há em lidar com análises ainda não maturadas no próprio campo, digo isso porque a revisão de literatura apontou o maior interesse dos pesquisadores em analisar o Programa enquanto política pública, e menos no campo das representações escolares e do cotidiano, elementos tão caros no campo da História da Educação.

2. O ENCONTRO COM AS ALUNAS DO MULHERES MIL NO CAMPUS AÇAILÂNDIA

Açailândia surgiu em 1958, em meio à construção da BR 010, que mobilizou 1,2 mil trabalhadores na região, e pertencia a princípio ao município de Imperatriz, sendo elevada à categoria de município e distrito com o nome de Açailândia pela Lei Estadual n.º 4.295, de 06 de junho de 1981. Distante 550 km da capital São Luís, a cidade está situada entre a BR-222 e BR-010, além da ferrovia Carajás, cujo trem, ainda em atividade, liga São Luís a Parauapebas, no estado do Pará. O nome do município vem do açazeiro, palmeira cujo fruto é o açai. A palha dessa palmeira cobriu os primeiros barracos na localidade de Trecho-Seco, perto de um córrego achado com a ajuda dos índios Cúria e Crocranium (IBGE, 2016b).

Destaco que o desenvolvimento do Programa Mulheres Mil em Açailândia objetivou: propiciar o ingresso/reingresso de mulheres no mundo do trabalho, para desenvolverem atividades profissionais que exigiam a aplicação de conhecimentos básicos a fim de atender os arranjos produtivos locais; suprir a demanda local no que concerne à prestação de serviços referentes à oferta da qualificação profissional; proporcionar a elevação da escolaridade por meio da formação continuada.

Assim, o Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos do Programa Mulheres Mil *Campus* Açailândia iniciou seu processo de inscrições no dia 7 de novembro de 2011, no Centro de Defesa da Vila Capeloza, situado na Vila Capeloza. A escolha do curso na área de Alimentos com seguimento na Panificação deu-se após uma pesquisa de mercado, em que se identificou uma carência existente na Vila e na cidade, além de ser levado em consideração o conhecimento das mulheres nessa área, uma vez que a maioria possuía afinidades e habilidades no ramo.

Para melhor entendimento, permito-me assinalar o lugar do meu encontro com o Programa Mulheres Mil e o espaço em que nos aproximamos e partilhamos algumas histórias de vida. A expansão da rede federal no interior do Maranhão foi o primeiro passo que no futuro possibilitaria o meu encontro com os sujeitos dessa pesquisa, uma vez que a expansão demandou a realização de concurso para atender as unidades tanto da capital, São Luís, quanto do interior, logrei êxito no concurso público do ano de 2010 para docentes do Instituto Federal do Maranhão. Ingressei como servidora no dia 3 de novembro de 2011, poucos meses após o início da implantação do Programa Mulheres Mil em Açailândia. E, assim, cheguei à cidade de Açailândia, o lugar, e ao Instituto Federal do Maranhão, o espaço, em que encontraria os sujeitos que mais tarde fariam parte desta pesquisa.

Naquele ano de 2011, iniciando no serviço público federal, aceitei participar do Programa Mulheres Mil pelos seguintes motivos: a vontade de contribuir com o ensino público, já que parte da minha vida escolar foi nas instituições públicas do meu estado, e agora, eu enquanto servidora pública tinha a oportunidade de retribuir; além disso, pensei que aquelas mulheres teriam outra oportunidade para começar ou continuar novamente de onde pararam. Mesmo otimista quanto aos objetivos do projeto, não pensava ingenuamente na ideia “salvacionista” de que todas continuariam os estudos, seriam inseridas no mercado de trabalho ou teriam seu próprio negócio, pois o mercado de trabalho não abrange a maior parte da população brasileira.

3. ABRINDO O BAÚ: EIS AS CARTAS

Feitas as considerações iniciais, passo para o detalhamento da materialidade da produção das alunas realizada no Programa Mulheres Mil, pois é a partir da análise dessa materialidade que emergiram as seguintes questões: quem, onde, quando e por

que uma escrita? Tais elementos nos ajudam a tornar “visível” a materialidade dessas produções, aqui ressalto que esta foi a etapa mais complexas da pesquisa, visto que, precisava elencar as categorias a partir da escrita encontrada nas cartas. As cartas foram escritas por alunas do Programa Mulheres Mil durante o curso de Qualificação Profissional em Alimentos no Instituto Federal do Maranhão – *Campus Açailândia* (MA), de 2012 e 2013, em turmas diferentes.

A escrita das cartas foi maturada a partir de reflexões sobre a diversidade do nível de escolarização da turma, como trabalhar conteúdos de Língua Portuguesa em 20 horas e com um grande espaço entre as aulas, essas foram as reflexões feitas por mim para a escolha dessa produção. Além disso, ainda que essas mulheres estivessem fora do espaço escolar, elas traziam consigo leituras e experiências realizadas ao longo da vida. Assim, elaborei o plano de aula com foco na leitura, nos elementos da comunicação humana e a carta como gênero textual a ser trabalhado.

Em meu primeiro encontro com as alunas da turma de 2012, no mês de novembro, na disciplina de Língua Portuguesa, fui apresentada pela coordenadora do Programa; fiz minha apresentação, elas também se apresentaram; realizei uma sondagem oral para verificar seus conhecimentos sobre a Língua Portuguesa. Expliquei como seriam os cinco encontros, cujas aulas ocorreriam às quartas-feiras, das 14h às 17h30min. No decorrer das demais aulas, havia, no primeiro momento, a exposição dos conteúdos conceituais de Língua Portuguesa e no segundo momento fazíamos as rodas de conversa com exercícios orais para verificar a apreensão do conteúdo.

Nesse sentido, reporto-me a Paulo Freire, quando ele diz que o diálogo é dotado de significado e expressa a necessidade de libertação dos oprimidos, pois através dele nos permitimos experimentar a empatia e, assim, “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. (FREIRE, 1987, p. 78).

Nas aulas utilizei textos instrucionais, como receitas de alimentos, pois havia relação com o curso, também jornais, revistas, poesias, cantigas de roda, imagens, vídeos. Escolhi textos de Cora Coralina (2014), como as poesias *Todas as vidas* e *A escola da mestra Silvina*, seguem os fragmentos:

Todas as vidas

[...]
 Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.
 [...]

A escola da mestra Silvina

Minha escola primária...
 Escola antiga de antiga mestra.
 Repartida em dois períodos
 para a mesma meninada,
 das 8 às 11, da 1 às 4.
 Nem recreio, nem exames.
 Nem notas, nem férias.
 Sem cânticos, sem merenda...
 Digo mal - sempre havia
 distribuídos
 alguns bolos de palmatória...
 A granel?
 Não, que a Mestra
 era boa, velha, cansada, aposentada.
 Tinha já ensinado a uma geração
 antes da minha.
 A gente chegava “- Bença, Mestra.”
 Sentava em bancos compridos,
 escorridos, sem encosto...
 [...]

A leitura dessas poesias despertava as lembranças das mulheres sobre si. As primeiras produções foram realizadas na segunda turma de 2012. Depois que as poesias eram lidas, havia uma roda de conversa para que as alunas expusessem suas reflexões a partir das seguintes questões: Qual o tema da poesia? As experiências da poesia poderiam ser relacionadas com a vida real? Em seguida, solicitava que as alunas

escrevessem uma carta com os seguintes elementos: local, data, nome, o assunto e o destinatário. O destinatário escolhido por elas foi a professora. O conteúdo da carta deveria contemplar as suas expectativas para o ano de 2013 e de que modo o Programa poderia ajudá-las.

As receber as cartas, no final da disciplina de Língua Portuguesa, deparei-me com um belo registro sobre o percurso de vida das alunas e suas expectativas sobre o Programa. No ano de 2013, desenvolvi a mesma disciplina, no mesmo dia e horários, com o mesmo formato. Dessa vez com uma nova turma, pois aquela já havia recebido a certificação e concluído o curso. Com esse novo grupo, também desenvolvi a oficina Mapa da Vida.

A oficina Mapa da Vida teve carga horária de cinco horas. Sua finalidade foi evocar a memória individual e coletiva das alunas; construir coesão entre elas; valorização da mulher, autoestima; buscar conhecer a realidade socioafetiva das alunas; identificar quais as conquistas alcançadas por elas; e quais as expectativas em relação ao Programa.

No desenvolvimento da oficina, utilizei a poesia *Retrato*, de Cecília Meireles, e cantigas de roda. Depois solicitei que as alunas escrevessem em forma de carta, tendo como tema Minhas Memórias. A atividade foi desenvolvida com êxito, por meio dela, pude conhecer quem eram minhas alunas, as dificuldades que tiveram para estudar, seus sonhos e outras experiências que marcaram sua trajetória. Mesmo assim, é preciso “[...] reconhecer que a totalidade das memórias nos é inacessível.” (CANDAU, 2016, p. 195).

Arrisquei-me a contar essa história com: Era uma vez, na cidade de Açailândia, um grupo particular de mulheres maranhenses, açailandenses, anônimas, simples, experientes, casadas, solteiras, separadas, enfim, mulheres participantes do Programa Mulheres Mil, cujos escritos feitos em cartas e cadernos falaram sobre si e suas vivências do passado e as expectativas sobre o futuro... Assim, para contar a história dessas mulheres, a princípio leio e releio as cartas e os cadernos sem, contudo, encontrar o fio ou os fios para tecer a trama ou as tramas possíveis da narrativa.

Por fim, para construir o tecido dessa história, indaguei-me sobre o lugar em que os registros foram feitos, qual a relevância de sua análise para a pesquisa sobre a

História da Educação. Esses são alguns dos fios com os quais procuro, ainda que de forma bem “seca”, montar a trama¹⁷ para continuidade desta pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver a pesquisa sobre a produção de cartas das mulheres do Programa Mulheres Mil, como objeto de pesquisa em História da Educação (*Campus Açailândia* – MA, 2012-2013), busquei o itinerário metodológico que pudesse sustentar a análise documental escolhida. A pesquisa integra o campo de estudos sobre História da Educação e tem como aporte teórico-metodológico a História Cultural, tendo como principal eixo o conceito de representação, de Roger Chartier, além dos estudos sobre Cultura Escrita.

Assim, a partir da leitura das cartas que foram escritas nas disciplinas Mapa da Vida e Língua Portuguesa, com alunas do Programa Mulheres Mil nos anos de 2012 a 2013, foram suscitados os seguintes questionamentos: quais as representações das alunas sobre o Programa Mulheres Mil? O que é possível saber sobre as alunas a partir de seus escritos? Quem são essas mulheres? O que dizem de si mesmas nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre o Programa? O objetivo geral foi analisar as representações sobre o Programa e a trajetória de vida, a partir das cartas.

Penso ser oportuno uma vez mais refletir sobre quem eram essas mulheres, visto que esse foi um dos questionamentos norteadores da pesquisa, assim, foi possível identificar traços marcantes ao longo de suas vidas. Os escritos traçaram um perfil de mulheres fortes, corajosas, dispostas a começar novamente e, por fim, mudarem a si mesmas e aqueles que estão a sua volta. Para elas, o Programa Mulheres Mil simbolizou a porta aberta da oportunidade de capacitação e a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho formal, pois é a partir dessa independência econômica que os sonhos em construir a casa própria, continuar os estudos, tirar carteira de habilitação dentre outros poderão tornar-se realidade.

¹⁷ Nesse sentido, apoio-me na noção de trama, apresentada por Veyne (1982, p. 42), para ele, “Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa”.

Além disso, elas falam sobre si, lembram da época de infância, essas lembranças para algumas são carregadas de nostalgia: “*Minha infância foi sofrida, porém feliz, brincava debaixo das laranjeiras, umbuzeiros, mutumbeiros etc.*” (relato presente em uma das cartas), esses relatos trazem a minha memória os versos do poema de Casimiro de Abreu, que diz: “Oh! Que saudade que tenho da aurora da minha vida”. Essas mulheres ainda que relatem as dificuldades e sofrimentos, como não terem sido valorizadas por seus companheiros, terem vivido conflitos familiares como separação, por exemplo, ainda continuam acreditando nos relacionamentos, pois em muitos registros elas deixam claro que estão abertas e dispostas a conquistar um novo amor.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p 183-191.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARDOSO, Manoel Frazão. **O Maranhão por dentro**. São Luís: Lithograf, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás**. São Paulo: Global, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **São José de Ribamar**. 2016a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/historico>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Açailândia**. 2016b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ma/acailandia/historico>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a História: Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Autora

Raquel Cardoso Frazão

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão e da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão.